

## **A invisibilidade dos trabalhadores na construção de Brasília: uma leitura de alguns livros didáticos**

***The invisibility of workers in the construction of Brasilia: a reading of some textbooks***

***Robson Rodrigo Lourenço***

Graduando do 6º período do curso de História pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

E-mail: [robson.rodrigocp1993@hotmail.com](mailto:robson.rodrigocp1993@hotmail.com)

***Maria de Fátima Silva Porto***

Profa. Doutora do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM) – Orientadora.

E-mail: [fatimaporto@unipam.edu.br](mailto:fatimaporto@unipam.edu.br)

---

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar, brevemente, a história de alguns personagens pelo ponto de vista dos excluídos. Esses são quase ausentes da história por passarem, muitas vezes, despercebidos. Esses personagens são os “Candangos”, trabalhadores da década de 1960 que ajudaram a construir Brasília-DF, os quais tiveram uma importância igual ou parecida com os personagens da elite. O presente trabalho irá analisar alguns sujeitos históricos “excluídos” a partir de consultas de livros didáticos de História, selecionados a partir do exame de seus conteúdos e do grau de importância que esses livros atribuem a essas pessoas. Após a análise dos conteúdos pesquisados, considera-se que os candangos foram de extrema importância na construção de Brasília e merecem ter destaque nos livros didáticos adotados em sala de aula, assim como os grandes nomes sempre o foram.

**Palavras-chave:** Excluídos. Minoria. Candangos.

**Abstract:** This article aims to analyze briefly the story of some characters from the point of view of the excluded. These are almost absent from the history and go often unnoticed. These characters are the "Candangos" workers of the 1960s who helped build Brasilia-DF, which had the same or similar importance to the characters of the elite. This paper will examine some historical "excluded" subjects from consultations of history textbooks, selected from the examination of their content and the degree of importance that these books attributed to them. After analyzing the researched content, it is considered that the laborers were extremely important in the construction of Brasilia and are noteworthy in textbooks adopted in the classroom, as well as the important names always have been.

**Keywords:** Deleted. Minority. Candangos.

---

## **1 Introdução**

A importância em abordar tal tema é levantar e mostrar o grande valor das pessoas comuns na história. É revelar que elas também fazem parte da mesma e acabam, muitas vezes, sendo esquecidas. Cabe ao historiador resgatar esses personagens históricos. Tal pesquisa analisou, junto a alguns autores de livros, a importância desses trabalhadores da era Juscelino Kubitschek na década de 1960, e mostrou a delimitação sobre o tema estudado e os problemas impostos pela falta de fontes escritas.

Eduardo Thompson, em 1966, defende o que chamamos de “História vista de baixo”, deixando claro que a história não deve levar em conta somente os grandes heróis. Por falta de pesquisas, cada vez menos pessoas têm ouvido ou lido sobre o tema, uma vez que os livros didáticos não o abordam, ou, se o abordam, não é de maneira justa. Assim, esses personagens acabam por se ausentarem da história. A motivação para tal pesquisa deu-se a partir de algumas aulas de História Moderna nas quais se discutia sobre a metodologia teórica abordada, despertando-nos uma curiosidade em pesquisar sobre alguns sujeitos “excluídos” da história. Ainda, verificar até que ponto essas pessoas foram excluídas de alguns livros didáticos abordados em sala de aula. No caso deste estudo, esses sujeitos referem-se aos “Candangos”, os trabalhadores construtores de Brasília, capital do Brasil, na década de 1960.

Os objetivos deste trabalho foram identificar o perfil de pessoas esquecidas pela história consideradas inferiores, quais sejam, os “Candangos”, demonstrar a importância de se resgatar a presença de pessoas comuns na história e, ainda, analisar junto a alguns livros didáticos adotados em sala de aula o quanto cada um cita ou aborda sobre as pessoas “excluídas” do processo histórico na produção literária, neste caso, os Candangos.

A metodologia utilizada na elaboração deste trabalho deu-se a partir da consulta de obras bibliográficas selecionadas, do exame de seus conteúdos, primando-se pela aceitação e credibilidade junto à comunidade acadêmica. Analisaram-se cinco livros didáticos que já foram ou são, ainda, utilizados em sala de aula para se verificar o conteúdo proposto na década de 1960 e sobre os trabalhadores, os Candangos. Também foram realizadas pesquisas webgráficas em sites de credibilidade. O aluno foi orientado por um professor, o qual examinou o trabalho, apontando falhas ou aprovando os resultados. Houve, também, troca de ideias e opiniões com o professor responsável pela disciplina de Projeto Integrador, responsável pela proposta do projeto.

## **2 Novos sujeitos entram para a história**

Ao longo dos anos, a historiografia passou por diversas mudanças. Podemos citar uma dessas mudanças como a História estudada a partir do ponto de vista de pessoas comuns, ou seja, a história com a inserção de novos sujeitos. Tradicionalmente, a escrita historiográfica tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes homens, dos grandes eventos, com privilégio somente ao que se referia ao âmbito político.

O interesse pela história mais ampla deu-se a partir do século dezenove. A história “vista de baixo” ganhou mais ênfase quando Edward Thompson (1966) publica um artigo sobre “*The History from Below*” (A História de Baixo)<sup>1</sup>, entrando na linguagem comum dos historiadores.

Para alguns, essa “nova História” está associada a Lucien Febvre e a Marc Block<sup>2</sup> que foram os grandes fundadores da revista *Annales*, criada em 1921<sup>3</sup>. A revista foi fundada para promover uma nova espécie de historiografia, encorajando inovações, buscando-se todas as atividades humanas e não apenas a história política.

A insatisfação que os jovens Marc Block e Lucien Febvre demonstravam, nas décadas de 10 e 20, em relação à história política, sem dúvida estava vinculada à relativa pobreza de suas análises, em que situações históricas complexas se viam reduzidas a um simples jogo de poder entre os grandes. Se a história, como sempre pretendeu Febvre, era filha de seu tempo, não seria possível continuar a fazer esse tipo de história convencional (BURKE, 1997, p. 7).

Muitos historiadores foram inspirados pela escola francesa de Marc e Febvre, os *Annales*. Muitos trabalhos foram produzidos por escritores que operavam dentro das tradições dos *Annales*, não apenas nos proporcionando reflexões metodológicas, mas também o conhecimento de como novas questões do passado podem ser reformuladas.

Com a clarificação dos *annalistas*, do conceito de *mentalité*, comprova-se a vontade dos historiadores de tentarem reconstruir o mundo mental das pessoas das classes inferiores. “Entretanto, eu gostaria de afirmar que a maior contribuição da abordagem dos *Annales* tem sido a demonstração de como compor o contexto dentro do qual poderia ser escrita a história vista de baixo” (BURKE, 1997, p. 51).

A chamada história “vista de baixo” preenche, comprovadamente, duas funções importantes: a primeira, de ser como um corretivo à historiografia das elites, mostrando a presença de novos personagens. A segunda, oferecendo uma abordagem alternativa, tendo em vista que a história “vista de baixo” abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica e de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas como a temática dos tipos mais tradicionais de história.

Dessa forma, é uma história que luta para que o homem não se reduza a um pálido reflexo do jogo de poder, por ceder espaço às novas perspectivas de pensamento. Fazer “*uma outra história*”, expressão usada por Febvre (1925), era, portanto, descobrir o sujeito histórico na plenitude de suas virtualidades.

Os historiadores tradicionais, que pensam a história como essencialmente uma narrativa de acontecimentos de fatos, não deram ênfase aos pequenos nomes, ficando,

---

<sup>1</sup> E.P. Thompson, “*History from Below*”, *The Times Literary Supplement*, 7 de abril de 1966, p. 279-80. Para uma discussão de base para o pensamento de Thompson, ver Harvey J. Kaye *British Historians: na Introductory Analysis*, Cambridge, 1984.

<sup>2</sup> Lucien Febvre e Marc Block foram os líderes do que pode ser denominado “Revolução Francesa da Historiografia”.

<sup>3</sup> A revista teve quatro títulos: *Annales d'histoire économique et sociale* (1929-39); *Annales d'histoire sociale* (1939-1942, 45); *Mélanges d'histoire sociale* (1942-4); *Annales: économies, sociétés, civilisations* (1946-).

assim, os trabalhadores, camponeses, soldados e tantos outros sujeitos esquecidos no tempo. Entretanto, a “nova história” está mais preocupada com a análise das estruturas. Fernand Braudel, em sua obra “*O Mediterrâneo*” (1949), rejeita a narrativa histórica dos acontecimentos. Segundo Braudel (1949, *apud* AGUIRRE ROJAS, 2013), o que realmente importa são as mudanças sociais a longo prazo e as mudanças geo-históricas de muito longo prazo. O autor privilegia os sujeitos em suas vivências contextualizadas, conforme citação a seguir.

A preocupação de Braudel é situar indivíduos e eventos num contexto, em seu meio, mas ele os torna inteligíveis ao preço de revelar sua fundamental desimportância. A história dos eventos, ele sugere, embora “rica em interesse humano” é também a mais superficial (BURKE, 1997, p. 47).

Em diferente imagem, Braudel descreve os acontecimentos como “[...] perturbações superficiais, espumas de ondas que a maré da história carrega em suas fortes espáduas”; “[...] devemos aprender a desconfiar deles” (BRAUDEL, 1949, p. 40, *apud* AGUIRRE ROJAS, 2013, [s.p]).

Os historiadores que trabalham com a visão da história voltada para “baixo” devem, é claro, ter um padrão rigoroso, tanto quanto em qualquer outra forma de se escrever a história. Há muito pouco material disponível sobre essas pessoas, embora observe Thompson (1978, p. 219-220) que

as pessoas pagavam impostos: as listas de impostos são apropriadas, não pelos historiadores da taxação, mas por demógrafos históricos. As pessoas pagavam dízimos: os inventários são apropriados como evidência pelos demógrafos históricos. As pessoas eram arrendatárias consuetudinárias ou enfiteutas; seus títulos de posse eram inscritos e constavam dos registros da corte feudal; essas fontes essenciais são exaustivamente interrogadas pelos historiadores, não somente em busca de novas evidências, mas em um diálogo em que eles propõem novas perguntas.

Os materiais de análise do historiador, segundo Thompson (1978), são muito variáveis e, ocasionalmente, permitem ao historiador chegar próximo aos fatos e palavras dessas pessoas. A história oral, por exemplo, tem sido utilizada para se estudar a experiência das pessoas comuns, mas o historiador se depara com várias situações ao se tratar desse tipo de fonte, como a ausência dessas pessoas vivas ou cuja memória foi perdida por seus sucessores.

Assim, dentro da proposta historiográfica da “história vista de baixo”, este trabalho teve como objetivo resgatar sujeitos comuns, quais sejam, os Candangos, expostos a seguir.

### **3 Contextualização dos candangos**

Com o decorrer da história, surgiram novos protagonistas a ocupar cargos paralelos a outros personagens que, por sua vez, ajudaram a fazer a história também, até mais do que os grandes líderes. Esses personagens esquecidos têm um grau de importância tanto quanto os demais e, por isso, adotamos essa vertente teórica neste

trabalho para resgatar esses sujeitos históricos que buscam, cada vez mais, seus espaços. Filósofos como E. P. Thompson e Jin Sharp vêm tendo destaque com o que chamamos de “História vista de baixo”, ou seja, a então história contada sob a visão das elites passa, agora, a focar sua atenção às pessoas “comuns”.

Em decorrência desse fato, grandes pesquisadores resolveram ampliar seu campo de pesquisa. Explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história. Thompson (1965) percebe a necessidade de tentar compreender o povo no passado. Ele relata estar

procurando resgatar o pobre descalço, o agricultor ultrapassado, o tecelão do tear manual ‘obsoleto’, o artesão ‘utopista’ e até os seguidores enganados de Joanna Southcott, da enorme condescendência da posteridade. Suas habilidades e tradições podem ter-se tornado moribundas. Sua hostilidade ao novo industrialismo pode ter-se tornado retrógrada. Seus ideais comunitários podem ter-se tornado fantasias. Suas conspirações podem ter-se tornado imprudentes. Mas eles viveram nesse período de extrema perturbação social, e nós, não. (THOMPSON, 1965, p. 12-13).

Novos personagens surgem para a história do planalto central, ou seja, os Candangos, que são trabalhadores vindos de diversas regiões do país para realizar o sonho da construção da nova capital do Brasil. Ao assumir a presidência da república em janeiro de 1956, Juscelino Kubitschek afirma o seu empenho na transferência da mudança da capital. Criou-se a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVA-CAP), baseada na lei que fora aprovada no mesmo ano e, assim, Juscelino embarca rumo ao local que seria construída Brasília.

Os Candangos é, por extensão, pessoas que migraram de outro estado para a construção de Brasília. Ainda, a definição de acordo com o dicionário Michaelis é que esse é um trabalhador vindo de fora da região. É o nome com que se designa os trabalhadores comuns que colaboraram na construção de Brasília. Assim, foram denominados esses trabalhadores da era JK, que logo começaram a chegar, a maioria vinda em “paus de arara”, em direção ao local onde seria o canteiro de obras. Movidos pela esperança de uma vida melhor, acabaram trabalhando dia e noite para que fosse construída a nova capital do Brasil. Cumpriram, portanto, a meta proposta por Juscelino.

Esses, os trabalhadores, logo encontraram uma rotina de regime ininterrupto de trabalho. Ao final das obras, e apesar de terem ajudado a erguer a cidade, esses trabalhadores, os Candangos, recebiam um pagamento que era insuficiente para a compra de lotes e terrenos em Brasília. Muitos desses voltaram para suas cidades de origem, já outros permaneceram nas cidades vizinhas. As cidades satélites se formaram durante o período de construção e existem até hoje. Essas ainda sofrem de vários problemas que permanecem até os dias atuais, como a falta de infraestrutura, bons transportes e tantos outros.

Dar créditos a esses operários ficou e fica sempre a cargo, geralmente, do professor em sala de aula, apesar dos livros didáticos ausentarem também, quase

sempre, esses sujeitos. Acabam por não citarem, ou, se citam, não é de forma compreensível para que os alunos identifiquem o perfil dessas pessoas.

A figura do Candango é de extrema importância para a memória de Brasília, sendo homenageado pelo artista Bruno Giorgi por meio de uma escultura de oito metros de altura, que pode ser vista na Praça dos Três Poderes, denominada “Os Guerreiros”, mais conhecida como “Os Candangos”.

A representação dos trabalhadores que erguem longas hastes homenageia os milhares de trabalhadores que se empenharam para que Brasília existisse e para realizar o sonho de Juscelino de interiorizar a capital do Brasil. Sem dúvida, fora um dos fatos mais importantes e marcantes da história brasileira e um dos mais significativos na política e carreira de Juscelino Kubitschek.

O silêncio na história, muitas vezes, vem seguido de algo que aconteceu ou algo que pode acontecer, caso algum fato seja revelado. O silêncio é uma forma de deixar algum acontecimento passar despercebido. O mesmo acaba perdendo o seu valor perante a história quando é deixado de lado.

É nesse sentido que enfatizamos o autor Eduardo Thompson (1966), por ser, como já dito, um dos grandes defensores do que chamamos de “História vista de baixo”, pois, na sua concepção, a história não só deve levar em consideração os grandes fatos e seus heróis, mas, sobretudo, a observação dos fatos com pessoas esquecidas que pertencem às massas, tais como os camponeses, os artesãos e os operários. Assim, estamos fazendo essa analogia com os trabalhadores da era Juscelino Kubitschek.

Deixar de lado os trabalhadores, gente como qualquer um de nós, é o mesmo que dizer que pessoas simples não podem fazer história, logo, não podem fazer parte dela. O presente trabalho não irá tirar o crédito de nenhum dos homens considerados heróis citados ao longo das décadas nos livros didáticos ou em outras obras, mas pretende resgatar os verdadeiros trabalhadores, gente comum, os denominados Candangos. Esses são exemplos de que as pessoas comuns também fizeram e fazem parte da história.

### *3.1 Análise da presença dos candangos em alguns livros didáticos*

Grande parte dos livros didáticos adotados em sala de aula deixa a desejar quanto a essa linha metodológica, pois não abordam, ou, se abordam, não é da forma que aconteceu e acabam por dar menos importância a personagens que também fizeram história. Esses passam em branco na maioria das vezes, e um exemplo disso aconteceu no ano de 1960, por ocasião da construção de Brasília. Somente nomes poderosos foram exaltados como únicos criadores da grande capital do Brasil, a exemplo de Juscelino Kubitschek, Oscar Niemayer e outros. Esses tiveram o seu grau de importância nos livros didáticos e foram ou são repassados aos alunos nas salas de aula como os únicos atores.

Enfatizamos que alguns livros didáticos adotados para se trabalhar em sala de aula, às vezes, acabam por não citar esses trabalhadores, desvalorizando, assim, a classe menos favorecida. Portanto, cabe aos historiadores resgatarmos esses sujeitos históricos esquecidos, como no livro de Alves e Oliveira (2010, p. 214).

O projeto da nova capital (plano urbanístico e edificações) foi feito pelos Arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, seguidores do modernismo arquitetônico do suíço Le Corbusier. Os responsáveis pela obra apresentaram o projeto da cidade como equalizador capaz de integrar não apenas regiões do país, mais também classes sociais. A construção, realizada em apenas três anos, implicou o deslocamento de uma grande quantidade de trabalhadores de outras regiões do país para o Planalto Central. Milhões de dólares foram consumidos na obra, desenvolvida por grandes empreiteiras. Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960.

Esses operários trazidos para o planalto central para a construção de Brasília foram chamados de “heróis” nos discursos políticos da época, mas foram ignorados na condição de vida a qual eles tiveram. Foram milhares de trabalhadores que empenharam para que Brasília ficasse pronta em menos de cinco anos e dar o mérito para Juscelino no *slogan*<sup>4</sup> de sua campanha: “Cinquenta Anos de Progresso em Cinco anos de Governo, 50 anos em 5”. Esses trabalhadores terminaram em tempo recorde, ou seja, em apenas 41 meses a grande capital se encontrava pronta. Oliveira (2006, p. 111), em seu livro *JK: Cinquenta anos de progresso em cinco de governo*, usa o termo “[...] do cerrado bravo a inauguração”. Esses sujeitos trabalhavam em ritmo de execução alucinante – quase impossível – em condições adversas e precárias.

Em 1º de Novembro de 1956, havia 232 operários em toda a área. Em fevereiro de 1957, ela já é um vasto canteiro de obras, com cerca de três mil operários – os candangos – e mais de duzentas máquinas em atividade incessante. Esses números crescem em ritmo vertiginoso. Recentemente do IBGE mostra 12,7 mil residentes em julho de 1957, ano da criação da cidade-satélite de Taguatinga, a população de Brasília já é de 28,8 mil habitantes. Início de 1959; mais de 30 mil candangos e população total superior a 60 mil habitantes (OLIVEIRA, 2006, p. 111).

Os trabalhadores não foram valorizados, permaneciam nas cidades vizinhas, as cidades satélites, e sofreram com a falta de infraestrutura e transportes. Movidos por um desejo de terem uma condição de vida melhor, os Candangos não tiveram outra opção a não ser a de se alojarem ali ou voltarem para sua cidade de origem.

Nesse sentido, o trabalhador não se ausenta, não completamente, mas deixa de ganhar crédito por não se diferenciar dos demais. Livros didáticos como o da autora Maria Januária Vilela Santos descrevem esses trabalhadores como sendo milhares de pessoas vindas para trabalhar nas obras da nova cidade.

Segundo a autora,

Brasília foi planejada pelos arquitetos Lúcio costa e Oscar Niemeyer, que elaboraram um projeto moderno e avançado, de acordo com o espírito da época. Sua construção atraiu para o planalto de Goiás milhares de pessoas, que foram trabalhar nas obras da nova cidade e que por lá se fixaram (SANTOS, 1990, p. 162).

---

<sup>4</sup> Palavra inglesa que significa expressão curta, fácil de ser lembrada, utilizada em campanhas publicitárias ou políticas para lançar marcas, produtos, programas, candidatos; bordão.

Nesse exemplo, percebe-se que o sujeito histórico encontra-se nas entrelinhas e precisa ser resgatado. Levando em conta o trabalho do professor em sala de aula, o objetivo maior será humanizar esses trabalhadores, os Candangos. Esses são apresentados, simplesmente, por retratos espalhados nas obras didáticas ou textos, sendo superficialmente citados.

Dra. Circe Maria Fernandes Bittencourt, professora responsável pela disciplina “Prática de ensino de História na Faculdade de Educação” – USP, em seu texto, “Resgatando o Sujeito Histórico”, faz referência a análises da produção didática dos últimos anos. O ensino de História não é uma inovação no ensino brasileiro e estrangeiro. Conforme cita a autora,

dentre a produção dos denominados paradidáticos de países europeus, podem ser destacadas duas vertentes principais. Obras da década de sessenta e setenta indicam uma preocupação com a vida de personagens em suas atividades diárias, distantes dos “grandes acontecimentos”, buscando retratar situações que poderiam conferir uma dimensão humana aos personagens ilustres da história oficial. Trata-se de uma produção voltada para os acontecimentos da vida cotidiana dos grandes personagens (BITTENCOURT, s/a, p. 8).

Em sentido mais amplo, descrever esses trabalhadores como construtores de Brasília, geralmente, extraclasse, como pesquisas fora de sala de aula. O livro, por sua vez, ao citá-los, não dá ênfase, na maioria das vezes, ao seu trabalho, como os verdadeiros trabalhadores. A construção de Brasília foi vista, na época, como a esperança do país, a aparição da terra prometida do Brasil. O futuro é ali. A capital foi consolidada e, até os dias atuais, permanece como centro do país e como referência política nacional. Esses sujeitos, mesmo com as duras condições de trabalho a eles impostos, sentem-se felizes ao serem citados. Os candangos falam do passado com intensa autoestima.

Os descendentes de candangos e os próprios trabalhadores ainda vivos veem Brasília como um grande orgulho para eles. Nesse sentido, cita Luiz (2007, p 101)<sup>5</sup>.

Superados todos os obstáculos, a capital foi inaugurada e depois consolidada como sede do governo federal ao longo dos anos. E hoje, quando estimulamos a falar sobre a “Era JK”, os ex-operários manifestaram, num misto de orgulho e nostalgia intensa, autoestima por terem participado daquela epopéia. Não importam aquelas agruras do canteiro de obra e, pelo menos num primeiro momento, o fato de terem sido excluídos da capital que ajudaram a construir. O que expressam, em sua história de vida, é um lampejo de glória de se sentirem protagonistas daquele período histórico. Por isso nenhum deles fala mal do ex-presidente ou reclama das precárias condições de vida e trabalho a que foram submetidos. Quando se referem àqueles tempos, o fazem com um brilho nos olhos, acompanhados apenas de boas lembranças.

---

<sup>5</sup> Edson Béu Luiz é um jornalista fora das redações e de um certo tempo para cá dedica-se a escrever a história de Brasília a partir da experiência dos candangos propriamente ditos, ou seja, os que carregaram a cidade nos ombros.

Ao estudar sobre essas pessoas, antes excluídas da história, os historiadores se deparam com a escassez de fontes documentais. Tem-se recorrido ao uso da história oral, permitindo ao historiador chegar mais próximo das experiências dessas pessoas pertencentes a essa classe, ditas inferiores.

A importância em tratar dessas pessoas esquecidas vai muito além das salas de aula. Trabalhadores que fizeram história devem ter seus nomes citados, pois também fizeram história junto aos grandes nomes. Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota, autoras do livro didático “História das cavernas ao terceiro milênio”, adotado nas salas de aula no ano de 2014, fazem referência a esses trabalhadores em apenas uma linha do livro.

Segundo Braick e Mota (2010, p. 139),

o projeto de Brasília ficou a cargo do urbanista Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Os trabalhadores que empreenderam as construções da cidade, conhecidos como candangos, vinham principalmente da região Nordeste do país. Em cerca de 41 meses, 30 mil operários trabalharam nas obras da nova capital.

Entre os trechos citados, aparece a figura de Juscelino Kubitschek, em forma de caricatura, ao lado do Palácio da Alvorada, sua obra símbolo, seguida pelo título “A construção de Brasília”. A não interpretação, tanto da frase citada quanto da caricatura, deixa o “vazio” sobre o conhecimento dos trabalhadores, já dito, os Candangos.

Merece destaque nos trechos citados o tempo que esses trabalhadores gastaram para erguer Brasília. E mesmo vivendo em condições de precariedade, revezavam em turnos para que o trabalho no canteiro de obras não parasse.

Enquanto alguns livros citam esses Candangos em forma de trechos, sem mera importância, outros acabam por nem abordar o assunto, ficando o crédito total das obras a cargo dos grandes nomes, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Juscelino Kubitschek. Assim, é o caso do livro adotado para ser usado até o ano de 2016, “Projeto Radix: raiz do conhecimento”, ou seja, o livro que está sendo usado atualmente, do autor Cláudio Vicentino, o qual diz que

a maior obra do governo de JK, entretanto, foi a construção de Brasília, a nova capital federal, planejada pelo arquiteto Oscar Niemeyer e pelo urbanista Lúcio Costa. A cidade foi inaugurada em 21 de Abril de 1960. Localizada no interior do Planalto Central, estava bem longe dos principais centros de pressão popular da época: Rio de Janeiro e São Paulo (VICENTINO, 2013, p. 200).

O livro analisado não contempla os Candangos, logo, entraria o trabalho do professor em pesquisar o assunto e trabalhá-lo junto aos alunos em sala de aula. Esses trabalhadores, mais uma vez, deixados de lado, ficaram ocultos na história.

Os Candangos passaram por duras condições de precariedade no canteiro de obras. Viviam amontoados, em barracos construídos de madeira, segundo conta Geraldo Campos, pioneiro no movimento sindical em Brasília e responsável por fiscalizar as empreiteiras. Segundo esse, a comida servida era estragada, as pessoas não tinham um tratamento digno e viviam amontoados em alojamentos feitos de tábuas.

O filme do diretor Vladimir Carvalho, “Conterrâneos Velhos de Guerra” (1986), relata o que aconteceu durante o Carnaval de 1959: em fevereiro, havia cortado a água dos canteiros de obras espalhados no domingo de Carnaval para impedir que os trabalhadores saíssem para se divertir.

Brasília, após ser construída, passou por diversos tipos de modificações, e uma que se deve ter destaque é a expulsão dos candangos da infraestrutura real de Brasília, sendo jogados para as periferias, cidades satélites e Ceilândia, cujo nome é conhecido por CEI – Campanha de Erradicação de Invasores.

#### *4 Considerações finais*

Questionamos se seria possível construir uma cidade de uma só vez. A resposta é sim. Ao se analisar Brasília, observa-se um exemplo disso. Milhares de trabalhadores ergueram, em apenas 41 meses, a nova capital do Brasil. Os Candangos, movidos pela esperança de uma vida melhor, muito pouco citados nos livros de história, construíram a capital federal. Esses derramaram seu suor, cederam seu trabalho árduo à história do Planalto Central e, por isso, merecem destaque nas obras bibliográficas, nos livros didáticos, os quais são repassados aos alunos.

Esses trabalhadores não construíram somente monumentos compostos de cimento, água e areia, mas uma parte da história desta nação, qual seja, a capital federal.

Ao terminarem a construção, iniciaram em seu entorno o desenvolvimento de algo que não havia sido idealizado. Não só vieram com seu trabalho, mas trouxeram para Brasília seus diversos costumes e uma produção cultural gigantesca. Esses trabalhadores são importantes tanto quanto os grandes nomes que foram citados nos livros.

De mãos calejadas, rostos queimados pelo sol ardente do sertão, construíram algo grandioso que, na maioria das vezes, é esquecido pelos livros e, muitas vezes, pela história. Pensando nisso, alguns pesquisadores resolveram dar voz a esses personagens, antes ocultos, com a “história vista de baixo”, trazendo para nossa reflexão um pouco da vida desses grandes guerreiros que estiveram, também, presentes na história.

Da mesma forma, este trabalho teve como proposta trazer à tona esses sujeitos, os Candangos, construtores e atores da história.

#### *Referências*

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *Fernand Braudel e as ciências humanas*. Tradução de Jurandir Malerba. Londrina: Eduel, 2013. Livro digital.

ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Letícia Fagundes. *Da expansão imperialista aos dias atuais: conexões com a História*. São Paulo: Moderna, 2010.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Resgatando o sujeito histórico, *Revista História*, s/a.

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. *História das cavernas ao terceiro milênio: do avanço imperialista no século XIX aos dias atuais*. São Paulo: Moderna, 2010.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Unesp, 1997.

FEBVRE, Lucien. *La Tierra y la Evolución Humana*. Tradução de Luís Pericot Garcia. Barcelona: Editorial Cervantes, 1925.

LUIZ, Edson Béu. *Os filhos dos candangos: exclusão e identidade*. Brasília, 2007. 139 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Brasília, 2007.

OLIVEIRA, Carlos Alberto Teixeira de. *JK: cinquenta anos de progresso em cinco anos de governo*. Belo Horizonte: MercadoComum, 2006.

SANTOS, Maria Januária Vilela. *História do Brasil*. São Paulo: Ática, 1990.

THOMPSON, E.P. History from Below. *The Times Literary Supplement*, 7 de abril de 1966, p. 279-80.

THOMPSON, E.P. *The making of the English working class*. Londres: [s.e], 1965.

THOMPSON, Edward P. *A pobreza da teoria e outros ensaios*. Londres, 1978.

VICENTINO, Cláudio. *Projeto Radix: raiz do conhecimento*. São Paulo: Scipione, 2013.